

Entrevista

“A avaliação tem que ir a fundo, tem que desvelar as coisas, tem que construir de novo, tem que fazer o conhecimento emergir”. Uma entrevista com a professora Denise Leite, expoente do tema das avaliações institucionais no campo da Educação Superior

“Evaluation has to go deep, it has to reveal things, it has to build again, it has to make knowledge emerge”. An interview with Professor Denise Leite, an exponent of the institutional evaluation theme in the Higher Education field

Max Felipe Viana Gasparini* 

¹Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil

Max Felipe Viana Gasparini, branco, avaliador de programas, mestre em Saúde Coletiva, USP, doutorando em Ciências da Saúde, UNIFESP.

COMO CITAR: Gasparini, Max Felipe Viana (2023). “A avaliação tem que ir a fundo, tem que desvelar as coisas, tem que construir de novo, tem que fazer o conhecimento emergir”. Uma entrevista com a professora Denise Leite, expoente do tema das avaliações institucionais no campo da Educação Superior. *Revista Brasileira de Avaliação*, 12(1), e120423. <https://doi.org/10.4322/rbaval202312004>

Resumo

“Avaliação é um trabalho de responsabilidade democrática para ajudar a gente a estudar, a aprender sobre essa instituição e trabalhar com os outros, saber que os outros existem, que não é só uma opinião, que a opinião dos outros existe”. “Para mim este modo de fazer avaliação significa sempre a tentativa de resistir a este modo de agir das organizações internacionais: “nós vamos credenciar vocês, nós vamos acreditar vocês, nós vamos ter agências de creditação”. Não. Espera aí! Para um pouquinho. A gente não entende dessa forma”, “nós mesmos somos os responsáveis e nós mesmos aprendemos, nós mesmos trabalhamos com os nossos estudantes essa responsabilidade democrática, é nossa responsabilidade, não é de uma agência externa acreditadora”. Nesta entrevista escutamos Denise Balarine Cavalheiro Leite. Mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É avaliadora ad hoc da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e consultora ad hoc do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Interessada e participe de uma série de construções no tema da Avaliação Institucional Participativa, Denise Leite fala sobre avaliação institucional na perspectiva de fortalecimento da democracia.

Palavras-chave: Avaliação institucional. Avaliação multirreferencial. Educação superior.

Abstract

“Evaluation is a work of democratic responsibility to help people study, learn about institutions and work with others, knowing that others exist, that it is not just an opinion, that the opinion of others exists”. “For me, this way of doing evaluation always means trying to resist the way of acting by international organizations: “we’re going to authorize you, we’re going to accredit you, we’re going to have accreditation agencies”. We don’t understand it that way”, “we ourselves are responsible and we ourselves learn, we ourselves work with our students on this democratic responsibility, it is our responsibility, it does not belong to an accrediting external agency”. In this interview we listen to Denise Balarine Cavalheiro Leite. Master and PhD in Education from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), she has a postdoctoral degree at the Center for Social Studies at the University of Coimbra. She is an ad hoc evaluator for the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes) and ad hoc consultant for the

A RBAVAL apoia os esforços relativos à visibilidade dos autores negros na produção científica. Assim, nossas publicações solicitam a autodeclaração de cor/etnia dos autores dos textos para tornar visível tal informação nos artigos.

Recebido: Março 06, 2023

Aceito: Março 06, 2023

***Autor correspondente:**

Max Felipe Viana Gasparini

E-mail: maxgasparini89@gmail.com



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



National Council for Scientific and Technological Development (CNPq). Interested in and participating in a series of constructions on the theme of Participatory Institutional Evaluation, Denise Leite talks about institutional evaluation from the perspective of strengthening democracy.

Keywords: Institutional evaluation. Multi referential evaluation. Higher education.

Max Gasparini: Gostaria que você nos contasse os aspectos da sua trajetória de vida que te levaram ao campo avaliativo, ao tema da avaliação, como você entrou nesse campo e como a avaliação entrou em você?

Denise Leite: Como entrou em mim, eu acho que é bem isso aí, entrou dentro de mim, não mais do que isso. Na verdade é difícil dizer, não foi uma coisa em especial, mas foram vários momentos: foram momentos de ideias e momentos políticos que trouxeram a avaliação para dentro de mim.

Em 1984, ganhei uma bolsa do British Council, para a universidade de Exeter, na Inglaterra; era um curso que abordava a pedagogia na universidade. E lá houve uma aula em uma linda biblioteca, que foi exatamente sobre avaliação. Aquilo me tocou, numa época em que a gente não falava em avaliação das universidades aqui no Brasil; e aquilo me deixou um alerta.

Voltei ao Brasil quando também chegava dos Estados Unidos minha colega Lyris Wiedmann. Ela vinha com abordagens de pesquisa qualitativa na cabeça e deu um curso em nosso departamento, na UFRGS, que se chamava Ensino e Currículo, se chama Ensino e Currículo na UFRGS. E Lyris nos deu um curso completo, com base em autores muito importantes naquele período. Então, pensar em estudos de casos, em escuta dos atores em campo, em etnografia, isso tudo era novo para nós.

Ao mesmo tempo, era um momento de redemocratização, no qual estávamos retomando Paulo Freire, que era um autor proibido. Então isso nos trazia ideias de democracia, diálogo, participação, e tais elementos foram se articulando. Ao mesmo tempo, eu estava fazendo a minha pesquisa com os estudantes, com várias entrevistas com eles, investigando sua aprendizagem. E eu comecei a juntar as coisas: avaliação, qualitativo, diálogo, participação e aprendizagem. O arcabouço foi se formando na minha cabeça, esses elementos todos se reunindo. É meio holístico na verdade; e assim foi se formando a ideia de avaliação pra mim. E não era a avaliação experimental que eu conhecia da pesquisa, era a avaliação participativa, era isso o que eu queria, já era uma ideia de avaliação institucional participativa.

Max Gasparini: Boaventura de Sousa Santos é um autor importante para você e em seu pensamento político e avaliativo. Como ele aparece na sua trajetória?

Denise Leite: Boaventura veio depois do doutorado. Ele é a grande cabeça que nos ensinou, que nos ensina, como trabalhar com a questão da democracia participativa. Foi construção e não uma coisa que chega de um dia pro outro, que se estuda em um livro. Eu estudei muitos livros e fui juntando esses pedacinhos até fazer um amálgama interessante na minha cabeça: e aí veio a outra batida, o outro toque, a batida política. E como é que essas ideias se ajustaram na prática?

Em meados dos anos 1990, tivemos na UFRGS uma gestão que constituiu um grupo para melhorar o ensino de graduação, tema que era exatamente o centro da minha atenção na época, uma pesquisa para a qual eu tinha apoio do CNPQ, que se chamava "Para a revitalização do ensinar e do aprender na universidade". Aí surgiu o primeiro momento político, a ideia de trabalhar para preparar a UFRGS para o século XXI.

Essa gestão constituiu uma coordenadoria executiva de avaliação, com a intenção de fazer uma avaliação da UFRGS. A ideia era produzir um diagnóstico para melhor compreender onde estávamos e para melhor compreender o que era necessário, e como poderíamos alcançar uma universidade no futuro. Ali havia turma muito boa produzindo: a Marília Morosini, expoente e uma das melhores pesquisadoras do Brasil, Ana Maria Braga, Norberto Holz, Luiz Oswaldo Leite, uma turma que encampou a primeira avaliação institucional da UFRGS, politicamente apoiada pelo reitor e numa perspectiva de participação.



Ali eu fui colocando em prática uma ideia que surgiu, eu já nem sei dizer se foi totalmente minha, éramos um grupo, a ideia dos NAUs e das naves que deveriam ir até o futuro. Hoje, 30 anos depois, os NAUS ainda existem na UFRGS: eles são os Núcleos de Avaliação das Unidades. Politicamente falando, a gente implantou um processo participativo de saída na UFRGS, e isso fez uma certa história.

Max Gasparini: O que era politicamente marcante naquela experiência?

Denise Leite: Naqueles anos estavam chegando pro Brasil as ideias de uma avaliação ranqueadora, que é essa que nós ainda temos; uma avaliação classificatória e definidora de recursos. E esse era o grande temor dos reitores, porque era algo que poderia acabar com os nossos sistemas, como Margareth Thatcher já havia acabado na Inglaterra. A mesma reforma que havia piorado o sistema de saúde inglês havia entrado nas universidades, com suas ideias neoliberais, fazendo a concessão de recursos para as instituições com base em classificações. E isso deixou os reitores brasileiros de orelha em pé, apontando que era preciso fazer alguma coisa para evitar essa invasão, que vinha da Europa pra cá.

A ideia era aquela, na Inglaterra, atribuir uma nota de 1 a 4 para a instituição. O Governo daria um certo recurso público, uma parcela, e a universidade tinha que ir atrás do restante do recurso. Eu me lembro de estar com Noel Entwistle, que me dizia: "não tenho jeito pra botar uma pasta embaixo do braço e sair pedindo dinheiro pra mim, pro meu departamento, eu não sei fazer isso". A ideia era que não haveria recurso, a não ser que a avaliação desse nota à instituição.

O que aconteceu aqui no Brasil? O pessoal se antenou, os reitores se antenaram e disseram: vamos nos antecipar às decisões do governo. E aí estava a ideia de que as universidades públicas tinham que se livrar dessa avaliação neoliberal. E começa o movimento da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), que vai constituir o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB). Ele vai se munir do trabalho que tinha sido feito na Unicamp, pelo professor José Dias Sobrinho, falecido em 2022, da avaliação que havíamos iniciado na UFRGS, pela avaliação realizada pela Maria Amélia Sabbag Zainko, na UFPR. Foi quando o Murilo de Avellar Hingel, Ministro da Educação no governo Itamar Franco, se antenou e criou o PAIUB. Nós começamos um processo embasado em avaliação participativa, dentro do MEC.

Então, minha concepção de avaliação surgiu primeiro nas ideias, depois na política, quer dizer, mas foi na ação que a gente realmente firmou a importância do trabalho participativo. Por que? Porque a gestão da UFRGS era isso, a participação estava na pauta da gestão; a participação e os NAUS eram a forma de não fazer uma avaliação imposta de cima pra baixo. Era receber a avaliação das unidades, e a partir daí cada unidade faria a sua autoavaliação e pensaria as suas próprias questões, faria a sua autoanálise; então não adiantava nós, no nível da comissão central, acharmos que as coisas estavam bem ou mal e darmos os dados prontos pra eles, não, eles tinham que trabalhar os dados, eles tinham que fazer essa avaliação.

Max Gasparini: O PAIUB foi, portanto, precursor do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior no Brasil e, para você, um dispositivo tentou resistir e propor uma alternativa ao modelo neoliberal de avaliação universitária. O que foi o PAIUB, em sua opinião?

Denise Leite: O PAIUB foi instituído em 1993 e surgiu numa reunião de reitores em Florianópolis, numa reunião da Andifes em que esses modelos de avaliação que estavam correndo pelo Brasil, no Paraná, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, foram discutidos pelos reitores, apresentados pelos reitores, dando origem a um protótipo, vamos dizer assim, do que seria o PAIUB. Em dezembro daquele ano o Ministro da Educação adota o programa e nós começamos a trabalhar nele.

O MEC formou uma Comissão Nacional de Avaliação, constituída por reitores, e ao lado deles nós tínhamos um comitê assessor. Eu fazia parte desse comitê e desde o princípio estive



envolvida nisso. Embora houvesse ideias dentro da minha cabeça, politicamente as coisas começaram obviamente a tomar um rumo bem mais amplo, um rumo nacional, uma coisa até inesperada, que acontece no Brasil e acontece comigo junto.

É curioso porque, em documentos oficiais, eu não tenho uma designação para fazer parte desse comitê, e nunca tive nenhum problema quanto a isso, mas o reitor me mandava lá e eu atuava. Esse comitê assessor tinha a presidência do José Dias Sobrinho, agora nesse momento em saudosa memória, e tinha também o Dilvo Ristoff, o Carlos Eduardo Bielschowski, o Fernando Campello, a Heloisa Santana, o Newton Cesar Balzan, o Tadeu Moretti, um cobra na matemática, nos dados, e essa turma, ao lado de outros colegas mais, trabalhou naquele anteprojeto e ao mesmo tempo o foi implementando, convidando as universidades, lançando editais, e as universidades concorriam a recursos para fazer uma avaliação dentro do modelo PAIUB.

O comitê assessor verificava se a instituição tinha condições e dava recursos a ela. Os recursos eram inicialmente muito poucos, e foram destinados somente para as públicas federais, mas no momento seguinte virou para as comunitárias também e depois para as privadas. Por que? Porque o interesse era que todos participassem, que todos se avaliassem.

O processo foi sendo realizado, as produções eram debatidas com a Andifes, houve debates com especialistas de fora do Brasil, como alguns portugueses, e então o MEC destinou uma funcionária para trabalhar junto com o pessoal do PAIUB, a Maria Dulva, que atuou bastante nesse processo também. E este trabalho foi até 1996, eu creio, quando entrou um provão e terminou o PAIUB; eu nem era contratada, mas o MEC me mandou uma carta de demissão, vejam vocês. Foi assim que o PAIUB entrou e foi assim que o PAIUB saiu.

Muitos dizem que foram poucas universidades, mas não é verdade, mais de cem instituições se interessaram pelo PAIUB e chegaram a fazer a primeira parte do processo, que era a sensibilização, que era trabalhar com os recortes dos modelos de avaliação, trabalhar com as práticas de avaliação das universidades e conversar com as pessoas dentro das universidades sobre o que era a avaliação institucional; e, claro, mantendo críticas ao modelo de avaliação classificatória.

Com a entrada do Provão literalmente acabou o PAIUB. Acabou com o PAIUB e também acabou com o dinheiro. E aí nós ficamos às voltas com o Provão por alguns anos, até que um segundo giro acontece já no Governo Lula, quando criamos o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), que guardou muitas das ideias do PAIUB.

Max Gasparini: O que você pode comentar sobre o Provão? A quais perguntas ele procurava responder?

Denise Leite: Nós fizemos uma investigação sobre o Provão, foi inclusive com o pessoal de Portugal, a respeito do que os alunos pensavam dele. O provão veio como quem não quer nada, dizendo que o exame era importante, que o PAIUB não era suficiente para auscultar a qualidade das instituições; veio um discurso bonito de que não iria ter nada demais, mas que sem exames realmente não se sabia como as instituições estavam andando. Então, quem podia dizer como essas instituições estavam, era quem realizava os exames, ou seja, os alunos. Então o estudante é que vai dizer, não são os reitores, não somos nós, os professores, que vamos dizer se as instituições estão bem, são os alunos que vão dizer isso.

A ideia foi entrando numa coisa muito suave e realiza, em 1996, uma primeira prova. As provas depois foram organizadas por cursos, então a cada ano era um tipo de curso que respondia. Mas mesmo criticando e tendo ficado na cabeça de muitas pessoas das universidades, e principalmente de um grupo que politicamente era mais atuante, a ideia de uma avaliação participada, de uma avaliação por dentro, de uma avaliação externa que fosse decidida pela própria universidade, e acreditando que essa qualidade podia ser vista dessa forma, mesmo assim, essa avaliação do Provão veio com um ímpeto tão forte, a imprensa agarrou com tanta violência, que os próprios cursos, como aqueles, por exemplo, da educação, que eram contra o Provão, aderiram ele, mesmo havendo muitos boicotes.



Quando saíram as notas e saía uma nota 5, mesmo para educação, aparecia uma faixa na frente do prédio da educação dizendo: nota máxima no MEC! Aí, tudo esquecido, nada mais importante do que aquela nota 5. E aquilo ia pro jornal, ia pros editoriais dos jornais da UFRGS e era a força da avaliação, aquela classificação, aquele ranqueamento em fazer os melhores cursos do Brasil. E não teve como resolver isso, realmente foi assim que continuou.

Max Gasparini: E é essencialmente este modelo que vai vigorar até o nascimento do SINAES?

Denise Leite: Isso mesmo. Na campanha para as eleições 2002, muitos reitores e docentes das universidades ajudaram a formular o programa de governo de Lula, e ali formulam ideias para um projeto para a universidade. Esse projeto contou com os grupos que haviam criado o PAIUB e implicou não apenas uma proposta de expandir as instituições, mas para avaliá-las num modelo semelhante ao PAIUB. Quando o governo Lula começa, o MEC retoma o trabalho para montar o novo sistema de avaliação do ensino superior, que não elimina o provão, mas acrescenta.

Figuras importantes nesse processo foram novamente o professor José Dias Sobrinho, o professor Héglio Trindade e o professor Dilvo Ristoff, que vem a dirigir o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) e, nessa condição, vai impulsionar o SINAES. Quando se pensou nos indicadores do SINAES, as universidades contribuíram, os reitores contribuíram, as pessoas trouxeram ideia de como deveria ser e várias pessoas trabalharam para chegar naquele suporte básico de pelo menos 10 indicadores, que era ideia inicial. No projeto inicial, por exemplo, tínhamos a ideia de trabalhar com uma escala de valores bem mais qualitativa, mas isso foi sofrendo alterações ao longo do tempo.

Mas entendo que a proposta foi se apequenando, mas não por um trabalho maquiavélico do governo ou seja lá do que for; o Sinaes inicial, que guardava uma relação bem forte com o PAIUB, foi lentamente perdendo características, se tornando menos qualitativo e mais quantitativo, mais classificatório e passou a ranquear universidades, quem se saía bem, quem não se saía bem, e isso tudo se projetou em índices.

Max Gasparini: Você poderia ilustrar maior as diferenças entre PAIUB e Sinae?

Denise Leite: Eu não posso fazer essa comparação de modo preciso, porque a situação nas políticas públicas é muito complexa. Não adianta fazer o melhor programa de avaliação, trabalhar o programa de avaliação, melhorar a forma de produzir o Provão ou instaurar e implementar o Sinaes para melhorar o ensino de graduação. O número de coisas que estão subjacentes a essa política, por exemplo, o credenciamento, o recredenciamento das instituições, a licença para que as instituições novas venham a funcionar; isso tudo interfere.

Mas é fundamental resolver o problema da avaliação dos cursos, a avaliação dos docentes, a avaliação dos estudantes, é muita coisa para resolver somente com avaliação, diante de um único projeto, e esse projeto era o Sinaes. O SINAES não tinha força pra tudo isso, de maneira nenhuma. Ele era um coadjuvante, e mesmo o gestor do processo, José Dias Sobrinho, que era uma figura ímpar, termina saindo da construção. E o professor Dilvo trabalhou muito e a gente deu muita força para que ele fizesse o trabalho dele, mas eu não teria condições, em poucas palavras, de dizer o que aconteceu. E do Provão vem o ENEM, vem o ENADE e as coisas vão se transformando em termos de políticas públicas, de forma a resolver situações que se criam, que às vezes são situações fortes, de pressão nos governos. É difícil dar uma resposta a sua pergunta.

Max Gasparini: A partir dessa experiência que você está narrando, muitas vivências, que concepção de avaliação vai se tornando sua, o que é avaliação para você?

Denise Leite: Recentemente eu fui à literatura e encontrei 18 definições sobre avaliação, desde o Ralph Tyler, precursor das avaliações educacionais, até coisas recentes. Mas eu



respondo a partir do meu campo de atuação, que é a avaliação institucional. Eu não trabalho com avaliação da aprendizagem, por exemplo.

Minha definição de avaliação tem a ver com uma *prática de construção social*, com uma tensão permanente entre aquilo que são os critérios universais, que nos dizem o que importa fazer, dizem o que é qualidade, e os critérios que pertencem a cada local, cada país, cada território. Nessa tensão eu me dedico à autoavaliação, e gosto muito da ideia dessa avaliação não só participativa, mas da ideia que eu aprendi com o Jorge Landinelli, da Universidade da República. Para ele, avaliação é um *instrumento de responsabilidade democrática*. Eu diria que a minha definição de avaliação passa por isso, é um instrumento sim, as vezes eu costumo dizer que organiza as coisas em arquivos, em espaços, um *organizador qualificado*. Mas qual é o sentido desse organizador qualificado?

É um trabalho de responsabilidade democrática para ajudar a gente a estudar, a aprender sobre essa instituição e trabalhar com os outros, saber que os outros existem, que não é só uma opinião, que a opinião dos outros existe; então trabalhar diferentes atores, trabalhar com a diversidade, chamamos a *qualidade da diferença, a diferença de qualidade*, quando trabalhamos em avaliação dessa forma. Acho que essa é a forma como eu me sinto mais à vontade para trabalhar. Essa construção social em que as pessoas definem o lugar, o tempo, as pessoas, sempre nesse território de tensões.

E para mim este modo de fazer avaliação significa sempre a tentativa de resistir a este modo de agir das organizações internacionais: "nós vamos credenciar vocês, nós vamos acreditar vocês, nós vamos ter agências de creditação". Não. Espera aí! Para um pouquinho. A gente não entende dessa forma, aqui a gente entende diferente, a gente começa por dentro e a nossa tentativa é sempre levar adiante essa responsabilidade, nós mesmos somos os responsáveis e nós mesmos aprendemos, nós mesmos trabalhamos com os nossos estudantes essa responsabilidade democrática, é nossa responsabilidade, não é de uma agência externa acreditadora. É assim que eu entendo a avaliação.

Max Gasparini: Avançando ainda nisso, a própria Revista Brasileira de Avaliação aposta na avaliação como um campo inevitavelmente transdisciplinar. Eu queria escutar um pouquinho sobre isso, como é que você, no conjunto das suas experiências, pensa esse lugar transdisciplinar da avaliação?

Denise Leite: Ao lembrar da minha trajetória, eu acho que nós já tínhamos um campo científico para a avaliação no Brasil. As nossas experiências, que tiveram uma face política, foram práticas muito valiosas. Nós praticamente criamos sistemas de avaliação. E isso não é igual no mundo. As práticas são bem diferentes. Então eu te diria que a avaliação não é uma prática que existe sozinha: a avaliação, esse campo científico, se criou apoiado em outros.

O José Dias Sobrinho dizia que a avaliação seria multirreferencial, mas ela também tem uma perspectiva que é valorativa, tem uma perspectiva que é fazer justiça, vamos dizer assim, tanto que quando fomos na Torre do Tombo, o arquivo público nacional do Ministério da Cultura de Portugal, pesquisar onde estava a palavra avaliação, descobrimos algo muito interessante. Nós tínhamos aprendido que sua origem era britânica, que havia surgido no Século XIX, e que a palavra avaliação não existia antes deste período. Mas isso não é verdade. A palavra avaliação surgiu na língua portuguesa, "Aualiacao, em Portugês Arcaico", por volta de 1521, nas Ordenações Manuelinas. A origem da palavra está ligada ao ato da justiça daquele período, quando tinham que definir os bens para distribuir entre crianças que ficaram órfãs, e quem definia era o rei, que mandava avaliar e pesar em uma balança para ver com quem fica e o que fica. Então desde o princípio a palavra avaliação contém um sentido de justiça, é uma questão de direito: algo pertencer a alguém, algo não pertence a alguém, poder ou não poder. Então é valoração sim, é valor, mas é também justiça.

Eu não sei se eu entendo bem o que é transdisciplinaridade. O que eu entendo é que o campo científico da avaliação foi se construindo às custas de outras disciplinas que eram mais fortes e que já estavam estabelecidas. Mas por que eu acho que ele é um campo científico? Porque ele tem uma lógica, ele tem um componente epistemológico forte, ele tem valores, ele tem



princípios. Esse campo tem seguidores, tem uma epistemologia já construída e com valores. E quem construiu essas epistemologias? Como é que se construiu isso?

Em 1996, quando o PAIUB terminou, o José Dias Sobrinho olhou pra nós e disse: "a nossa memória tem que continuar, a memória da avaliação, a primeira avaliação que foi feita no Brasil tem que continuar". Então em 1996 criamos a Revista Avaliação, que era da Unicamp. Antes, ainda em 1966, a Fundação Getúlio Vargas já tinha uma revista sobre o tema, o pessoal da psicologia tinha uma revista. Depois nós tivemos um trabalho da Capes sobre o tema, que é de meados da década de 1970. Ou seja, houve vários momentos em que essa epistemologia da avaliação foi se construindo e foi sendo aplicada. Então, na medida em que nós queremos identificar o nosso campo como um campo científico, precisamos compreender que ele já tem essas bases, e que isso não nasce agora, já vem de longa data.

Max Gasparini: São muitos anos de produções e acúmulos, não?

Denise Leite: Então, veja bem, quantos artigos nós publicamos nessas revistas durante esses anos todos, desde os anos 60, antes que o PAIUB chegasse? Que trajetória nós temos? Essa trajetória está documentada, então nós temos um campo científico com uma epistemologia que eu acho que já é própria, que faz sentido ao menos pra mim, desse campo de construção social, de tensões, que vai contornando as tensões e vai sobrevivendo, vai sempre emergindo, um campo que se constrói a partir de outros. A avaliação não anda sem a Estatística, a não anda sem a Matemática, não anda sem o Direito, não anda sem a Filosofia, sem os valores que importam para a vida, os valores da vida democrática, que para nós são preciosos e que a gente toma como a nossa questão chave quando pensa em avaliação. Nós não trabalhamos avaliação sem todas essas ajudas, que eu não sei se são trans, inter, o que são, eu não sei classificar, mas eu acho que nós não criamos esse campo sozinhos, nós fomos criando esse campo e fomos puxando pra ele todos aqueles conteúdos ou todas aquelas metodologias que nos interessavam, e fomos fazendo esse campo ficar forte.

E as revistas são o grande veículo dessa construção, e nós temos seguidores nas revistas, nós temos já uma turma grande que pesquisa avaliação, nós temos pesquisadores em avaliação. Agora, muito me alegra que o nosso colega aqui [entrevistador] esteja fazendo doutorado em avaliação; nós começamos a ter programas de pós-graduação, formando avaliadores. O próprio MEC formava inicialmente; nós tínhamos que formar os avaliadores. Agora não, os avaliadores já vêm prontos. Olha o estado da Capes, olha o trabalho que a Capes faz: a cada nova avaliação da pós-graduação, 2.600 avaliadores são treinados, cada um de nós é treinado para fazer a avaliação da Capes, que é outro processo para além do Sinaes. O Sinaes englobaria a avaliação da pós-graduação, mas ele não se tornou um sistema forte. Como eu disse pra você, são muitas as injunções políticas, mas a avaliação contínua, é a mais antiga é a da área da educação. Essa nossa caminhada vem ao longo das décadas de 1960, 1970, 1980, 1990, 2000. Nós já temos quase 50 anos de avaliação no Brasil.

Max Gasparini: Olhando para frente, na sua compreensão, intuição ou análise, em qual direção as avaliações estão indo, o que você percebe como tendência ou possibilidade? Qual é o movimento que você está vendo para o futuro da avaliação institucional?

Denise Leite: Como eu sou otimista, eu vou dizer o que eu estou vendo, e não estou vendo só na base do meu otimismo. Eu estou vendo coisas pipocando de todos os lados. Começou com o manifesto de Leiden¹, na Holanda. Trata-se de uma crítica sobre a avaliação da pesquisa e sobre a avaliação dos pesquisadores. Quando a cienciométrica começou, começamos a criticar a maneira produtivista com que as pessoas faziam seus artigos para conseguirem uma pontuação adequada, principalmente nas avaliações da Capes.

¹ Uma versão em português do Manifesto de Leiden pode ser lida no portal da Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais da USP (2023).



Neste tipo de avaliação que a cienciometria tornou possível (os índices que marcavam as revistas, os índices de impacto das revistas), as revistas mais importantes são aquelas que têm maior impacto, ou seja, cujos trabalhos são valorados, que são mais citados, etc. Nesta situação, nós, pesquisadores, começamos a produzir para fazer pontuação. Essa questão não foi só nossa. Ela foi imposta de uma certa maneira pelas grandes casas publicadoras do mundo, que publicam as revistas mais importantes, em todas as áreas de conhecimento, não só na Educação, não só nas Ciências Sociais, mas em todas as áreas de conhecimento. Neste processo, os pesquisadores começaram a se sentir avaliados de uma forma que eles não gostavam, ou seja, só na dimensão quantitativa.

Essa crítica cresceu. O manifesto de Leiden fala sobre a ética na pesquisa, coisas que temos que nos preocupar na pesquisa. Mas existe também o *The San Francisco Declaration on Research Assessment*, desde 2012, também criticando a forma como a avaliação da pesquisa e dos pesquisadores é feita. Existe neste momento, na Europa, um movimento que defende que a avaliação dos pesquisadores seja repensada, e ela segue as mesmas ideias do Dora. Além disso, há mais uns quatro ou cinco movimentos que estão acontecendo no mundo, para que a avaliação passe a ser mais qualitativa, ou seja, que se confira mais valor ao qualitativo, ou, pelo menos, valor idêntico do qualitativo e do quantitativo na avaliação.

A força do futuro vai ser a avaliação qualitativa, a autoavaliação. As agências internacionais estão mudando o seu discurso diante destes movimentos. Se tu observares, talvez esse discurso ainda não esteja consolidado, mas já é óbvio para quem pesquisa que o que importa não é somente o resultado, não é somente o produto que sai da pesquisa, mas o processo. Nós, que somos pesquisadores, temos um movimento formativo dentro do trabalho de pesquisa. Essa dimensão formativa dos estudantes, dos nossos orientandos. Dessa maneira, a avaliação tem que entrar no processo, e não somente lá no resultado final, para além da lógica de avaliação produtivista, que era o que nós estávamos criticando. Essa avaliação produtivista tem perdido espaço como única forma de avaliação. Ela está sendo assaltada, nessa tensão que eu falei pra vocês, que é constante, ela está sendo assaltada pelas ideias processuais, pela avaliação processual, avaliação de procedimento, avaliação de metodologia, avaliação de aprendizagem.

Eu acho que é isso que a Capes tentou adquirir também nessa nova avaliação e que o mundo todo está querendo saber como fazer. Eu acho que a Caps se adiantou, e o Brasil tem muito a dizer sobre esse processo. Eu acho que a Capes deu um passo à frente. É difícil voltar atrás, acho difícil, pode haver boicotes, como aconteceu com o Sinaes. Pode ser que isso aconteça, mas tudo vai depender da forma como nós, os praticantes desse campo científico, que é o campo científico da avaliação, estivermos com força de abrir a boca.

Outro aspecto que me aponta para essa realidade é que nós trabalhamos em redes, e as redes podem ser avaliadas. Essa é uma das questões que eu gosto de trabalhar. As redes podem ser avaliadas, então porque nós vamos nos preocupar em medir especificamente se a revista Y produz? Vamos medir o que está dentro do processo e não o que está lá fora. Eu acho que é por aí, eu acho que esse processo de acesso aberto também contribui. Tanto que as grandes casas publicadoras estão entrando em acesso aberto, e não vão perder essa corrida. É um programa de desenvolvimento capitalista, mas elas acharam um jeito de entrar também, e nós estamos nessa brincadeira.

O futuro da avaliação pra mim é um futuro bem mais interessante do que o que tivemos no passado. No campo científico está claro, está em consolidação, não está totalmente pronto, mas há seguidores, produção científica, impactos fortes, um campo politicamente inteligente, e, ao mesmo tempo, dando atenção à participação e à democracia.

Max Gasparini: Ainda sobre o futuro, quais conselhos você daria aos jovens avaliadores, quais cartas você escreveria a jovens avaliadores, a quem está chegando e começando a construir um lugar e um pensamento?

Denise Leite: Eu já vi tantas coisas acontecendo, mas não sei se eu posso dar conselhos para alguém. Eu te diria o que eu digo para o pessoal que trabalha comigo: a questão é trabalhar, a questão é pesquisar, a questão é ir adiante, não ficar olhando o lado negativo e seguir em frente.



A avaliação vale a pena. Vale a pena porque carrega dentro de si valores formadores de uma sociedade melhor. Então se essa avaliação é formadora dessa sociedade melhor, se esses valores são formadores, a gente pode ser desse tamanhinho, mas a gente faz a nossa contribuição.

Cada jovem, cada aluno meu, cada pesquisador que trabalha comigo tem que buscar essa força desses valores da avaliação, valores da democracia, valores da participação. É trabalhar, não tem outra maneira. Trabalhar, pesquisar, estudar, contribuir, e olhar em frente, tendo sempre o futuro na frente. Não tem um conselho aqui. A gente se chateia às vezes com as coisas que vemos, as coisas menos importantes. Vemos coisas muito desagradáveis em avaliação, então é esse lado que tem que ser evitado, das coisas desagradáveis.

Max Gasparini: Como quais?

Denise Leite: Aquilo que na escola é a "cola", na universidade pode ser a preguiça, por exemplo. Essas coisas que não nos levam a fundo naquilo que fazemos, ficando só no superficial. A avaliação tem que ir a fundo, a avaliação tem que desvelar as coisas, ela tem que construir de novo, ela tem que passar a fazer parte para o conhecimento emergir. Não dá pra enganar ninguém, não dá pra passar com a mão por cima, não dá pra ser bonzinho.

Se eu disser que é "autoavaliação", então é para coitadinhos? Não, não vou dizer, não tem que dizer, porque é formativo. Se a autoavaliação não está boa, não dá pra dizer diferente, se a avaliação em si não está boa, não pode dizer diferente, tem que ser claro. Agora, "eu, Denise, vou dizer que está errado, que está bem, que está certo?". Não, eu vou usar os elementos que a avaliação proporciona para que as pessoas por si próprias pensem e reflitam e vejam o que elas podem melhorar. A avaliação tem milhares de perspectivas, e não vale a pena usar qualquer perspectiva para baixo. Não, só pra cima, pra frente e pra cima. Essa é a questão.

Max Gasparini: Exato, muitas opiniões, muitos métodos, muitos ângulos. Foi muito interessante você resgatar essa palavra, que eu acho que você trouxe do José Dias Sobrinho, essa coisa do multirreferencial, talvez seja um jeito mais fácil de dizer o que a gente chama de transdisciplinar.

Denise Leite: É multirreferencial, realmente a gente tem muitas referências para pensar a respeito. Mas eu acho que é um campo de construção, vamos em frente. Vocês estão com a juventude nas mãos, agora isso é pra vocês, os jovens; a gente fez um pedacinho, agora é com vocês.

Max Gasparini: É um trabalho de gerações, sem dúvida.

Denise Leite: É um trabalho de gerações, realmente é de gerações. E também tem uma coisa que acontece no Brasil, algumas vezes, e que é muito ruim: "não cito fulano, não cito beltrano, só cito o sicrano". Não, tem que dar valor à história, tem que recuperar as coisas e a partir dali, relembrar o que já foi feito. Subiu um degrau, subiu mais outro degrau, sem repetir o passado, no errado, repetir só o que foi ganho, para a frente.

Fonte de financiamento

Não há.

Conflito de interesse

Não há.

Referências

Universidade de São Paulo – USP. Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais – ABCD. (2023). *Manifesto de Leiden*. São Paulo. Recuperado em 6 de março de 2033, de <https://www.abcd.usp.br/iniciativas/bibliometria-e-indicadores-cientificos/manifesto-leiden/>